

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietário A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 6.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 16 DE FEVEREIRO DE 1873.

Consta-nos que vaie ser executado, em uma das nossas praças publicas, o criminoso escravo Benivindo, que matara o seu senhor.

Será verdadeiro esse boato? Será crível que, no momento em que se trata de erguer a estatua de G. Dias, erga-se tambem um patibulo para arrancar a vida de um homem? Será crível que esse crime, ha tanto tempo esquecido no Brazil, renasça sob o céu do Maranhão?

Não vimos ha poucos dias perdoado por S. M. um homem intelligente, de cujo horrivel processo nada se pôde tirar que falle em seu favor? porque vamos agora assassinar um homem ignorante, por um crime igual?

Horror!

O *Domingo* manifesta aqui o immenso pesar de seu redactor, como homem, e o immenso protesto delle, como jornalista.

No Paiz de quinta-feira passada um

## FOLHETIM DO DOMINGO.

### O mestre-eschola.

por

PAULO DE KOCK.

(trad. por A. A.)

(Vid. o n. 5).

O Sr. Mathias suspirava ainda, e voltava para caza dizendo:

—Que desgraça a minha! perder tempo com estes brutos, que ignoram completamente o valor da sciencia! Quando occuparei, meu Deus, o lugar que mereço?... Haverá um cargo no mendo que eu não possa emprir?

Deviam fazer-me deputado, ministro, até rei...

Rei, sim Sr.; oh! si eu fosse rei, não haviam de certo ignorantes no meu reino. Havia de trazer orelhas de burro todo aquelle que não quizesse estudar. Em estabeleceria em todas as aldeias jogos floreas, a imitação d'aquelles que eram presidiados por Clemencia Isaura; fechar-se-hiam todos os hotequins; em lugar delles,

socio da *Onze de Agosto*—esquentou-se por se ter esquecido o nosso collaborador Vitruvio de Callazans de mencionar o nome do Sr. Dr. Coqueiro, quando tratou daquelle sociedade, sendo aliás o mesmo Sr. Dr. Coqueiro um dos mais esforçados fundadores e um dos sustentaculos della.

Não nos compete totalmente responder á *advertencia* do Sr. socio; mas, uma vez que foi ella feita, resta-nos pedir pelo Sr. Vitruvio, desculpa ao Sr. Dr. Coqueiro e declarar ao articulista que seja mais moderado; ninguém trata de deprimir; o Sr. Vitruvio nem ao menos conhece, cremos, o Sr. Dr. Coqueiro, e o *Domingo* nunca pretendeu tirar as glorias merecidas por cada um.

O que houve no artigo do Sr. Vitruvio foi apenas esquecimento, repetimol-o.

## NOTICIAS DA PACOTILHA.

Noticias!

*De opus hic labor est!*

De que hei de eu fallar-vos, leitores, a não ser do concerto do pianista brasi-

abrir-se-hiam gabinetes de leitura, bibliothecas; não se dançaria mais aos domingos; advinhar-se-hia, porem, enigmas que eu trataria de fazer mais difficeis que o que o esplungo propoz á Oedipe; enfim, em vez de cantar-se baladas e arias de comedias, recitar-se-hiam honitos versos alexandrinos. Oh! meus povos seriam muito felizes, muito! bendiriam seu rei em uma infinidade de linguas!...

Quando não haviam citações á fazer, o Sr. Mathias levava assim, a lamentar-se, grande parte do dia. No entanto o mestre eschola podia ter sido mais feliz, si tivesse uma dose de philozophia; esta sciencia, porem, faltava-lhe.

O seu professorado dava-lhe com que viver, e dar-lhe-hia mais vantagem, si o nosso homem se limitasse a ensinar o *b a ba*. Cada aldeão trava-lhe o chapen a maior distancia que o visse e portavam todas em ser-lhe uteis.

A aldeia de Couberon não é honita; os arredores, porem, são magnificos.

Está situada no meio dos bosques, junto a um lago, a borla do qual cresem jacinthos, lyrios e violetas Nos arrebaldes está Montfermeil, Lagny e alguns passeios pitorescos e solitarios,

leiro H. Liguori, no theatro das variedades, que teve logar na quarta-feira passada?

Depois de uma comedia representada por curiosos e cujo desempenho foi bom, o illustre concertista executou tres das melhores peças do seu repertorio, e foi justa e calorosamente applaudido pelo auditorio, recitando nessa occasião o Sr. A. Azevedo, as tres seguintes oitavas:

Quando eu escuto, tacito,  
a voz desse instrumento,  
sinto na alma—insolito  
respeito áquelle artista;  
pois que, das teclas magicas,  
aquelle sentimento  
o mais subio encomio  
das multidões conquista.

Por isso beijo as pétalas  
das verdejantes flores  
dessa gentil laurèola  
que lh'engrinalda a fronte;  
por isso que astros lucidos  
das mais brillantes cores,  
do seu destino pro-pero  
descubro no horizonte

nos quaes, mesmo aos domingos, raramente se vê a familia do burguez pariziense juntando sobre a relva.

Ha, na França, um meio facil de ser feliz: amar o campo, ter desejos simples e limital-os.

Em uma manhã, um aldeão apresentou-se em casa do Sr. Mathias; chamava-se João-Gordo, era um dos mais ricos cultivadores do paiz e daquelles que mais respeitosa e inclinavam diante da figura do mestre-eschola.

Entrou na aula com o ar muito embarçado e foi collocar-se diante do professor que lhe disse:—*Quid de me dicunt homines?*

O aldeão coçou a orelha, murmurando:— Não é para isso que cá vim. Oh! Sr. Mathias... é que eu tenho uma proposta a fazer-lhe.

—Uma proposta, João-Gordo?... vejamos... estabeleça-a. Si for longa, divida—a em tres pontos; si for difficil, não empregue nem dilemmas, nem metaphoras; si for abstracta, inverta—a, si for clara, empregue figuras... Ha cem modos de apresentar uma proposta.

João-Gordo coçou ainda a orelha, murmurando:

—Não foi para isso que eu cá vim... Olhe,

És do Brazil da patria  
felic de Carlos Gomes;  
por isso o genio altivolo  
que tens, que se afervore;  
pois que tu ver no marfim,  
a par de tantos nomes,  
gravado em letras aureas  
o nome teu—Lacout!—

Seguiram-se algumas sortes de prestigitação, desempenhadas satisfactoriamente por um espirituoso amador.

Finalisou o espectáculo com uma interessante poesia comica, que foi tambem muito applaudida.

A concorrência foi muito pequena.

É verdade que os bilhetes não deixavam de ser alguns tanto salgados; mas o *chileno* Rodenas teve entre dia uma bonita concorrência ao seu concerto, com o mesmo preço; o *portuguez* Arthur Napoleão—não fallemos; o *portuguez* Groner, todos viram; assim é sempre,—o si se dá a mão á estrangeiros, devia-se, com mais razão, dá-la á nacionaes.

Termino, noticiando que a Bibliotheca Popular, graças a um ovo de duas gemmas que lá está exposto, tem sido visitada por muitos moços estudiosos.

Quem tiver alguma destas raridades naturaes, muito obsequiara aos directores da Bibliotheca, enviando-lha, pois só assim poderá ir quora nella tanto se afasta.

#### EXPEDIENTE.

O *amigo da Pova*, do Piahy, foi substituido pelo *Oitenta e nove*.

Sr. Mathias, eu não sou um salão, eu não sei dizer bonitas palavras como o Sr.; mas—vamos ao que importa:—eu o estimo, porque enfim o Sr. é um homem honrado.

—«É letrado, João-Gordo.

—«É justo; mas eu cá ponho o primeiro antes do segundo; mas—vamos ao que importa:—eu tenho uma filha, o Sr. bem conhece a Joanninha; anda pelas seus vinte annos: é uma boa rapariga e não se pôde dizer que não tem muito juizo. Pois bem; veio-me á idea dar-lha em casamento; eu gostaria de tel-a por meu genro; esta eschofa não é lá grande coisa,—valha a verdade—; mas eu dou á Joanna seis mil oitentos e esse bonito terreno que possuo em Montfermeil. Assim, estará o Sr. a sua vontade, heim? Mais tarde, minha filha herdará todos os meus bens.

Si lhe faz conta, como espero, toque: isto será concluido em pouco tempo, porque a pequena tem muita confiança na minha eschofa.

O Sr. Mathias sacudia a cabeça e pareceu reflectir; depois bateu de leve no hombro de João-Gordo, dizendo-lhe:

—«Meu charo amigo, eu... agradeço muito.

Agradecemos e retribuimos a delicada remessa que nos fizeram do primeiro numero.

Pelo Illm. Sr. Dr. José Ascencio da Costa Ferreira foi offerecido á esta redacção um exemplar das suas *Licções de economia politica*.

Ainda que pouco conhecimento tenhamos dessa sciencia, reconhecemos que é perfeito o trabalho de S. S. e muito digno de bons elogios.

Recebemos tambem pelo *Paraná*:

*O Paulista*, do S. Paulo.

*A Luz*, do Rio de Janeiro.

*O Moço*, da Estancia, em Sergipe.

A todos agradecemos e retribuimos.

*O Domingos*.

#### Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset.)

#### I

O cavalheiro d'Arcis, official de cavallaria, havia abandonado o serviço em 1769. Com quanto ainda fosse joven e sua fortuna lhe facilitasse uma brilhante figura na Corte, elle deixou bem cedo a vida de rapaz e os prazeres de Paris. Retirou-se para uma excellente casa de campo, perto de Mans. Lá, a solidão que a principio julgou agradável, em pouco tempo se lhe tornou penosa. Elle sentiu então que lhe era difficil romper de repente com os hábitos de sua mocidade. Gantulo não se arrependeu por se ter afastado do mundo; porém não podendo acostumar-se a viver só, tomou a resolução de casar-se e procurou uma mulher que partilhasse

—«Aceita?

—«Recusa.

—«Recusa casar-se com a Joanninha?

—«Sim, João-Gordo.

—«E porque então? Advinho... porque somos simples aldeões e o Sr. está muito acima de nós.

—«Não é por isso: V. é cultivador, é a profissão a mais antiga e a mais honrosa.

A nação judaica não conhece outra melhor; os mais honrados cidadãos entre os judeus eram lavradores e pastores. Gedeão plantava ella proprio seu trigo; David guardava ovelhas; Saul condizia gado.

—«Então por que não quer a rapariga?

—«Porque sua filha é uma burra.

—«Uma burra... minha filha!

—«Sim, meu charo João-Gordo, Joanninha não sabe escrever; apenas lê muito mal. Lembro-me que ella vinha á aula ha quatro ou cinco annos, e não conseguí ensinal-a a distinguir o plural do singular. Ella dizia sempre ás condiscipulas:—*Vem cá, minhas amigas*—; eu lhe dizia:—*E venham ou vinde* que se deve dizer,

sen gosto pelo repouso e pela vida sedentaria que se tinha decidido a seguir.

Não queria que sua mulher fosse bella, nem tão pouco feia; desejava que ella reunisse instrucção e intelligencia, com o menos espirito possível e o que sobre tudo elle mais procurava era que ella tivesse uma alegria e bom humor constantes, qualidades que elle reputava mais preciosa na mulher.

Agradou-lhe a filha de um negociante seu vizinho. Como o cavalheiro era independente, não o tolheu a distancia que se para um gentilhomen da filha de um mercador. Elle dirigio-se a familia e seu pedido foi recebido com interesse. Alguns mezes depois concluiu-se o casamento.

Nunca se realisou alliança sob melhores auspícios.

A mulher que melhor conhecia sua mulher, o cavalheiro descobria-lhe novas qualidades a par de uma inalteravel decura de character. Ella, de sua parte, amava ao marido extremosamente, vivia para elle, cuidava somente de agradal-o e, longe de chorar os prazeres propicios da sua idade, que lhe sacrificava, desejava que toda a sua existenciã se podasse esconer naquella solidão que diariamente se lhe tornava mais clara.

Entretanto não era completa esta solidão. Algumas viagens á cidade, ou a visita regular de alguns amigos a intercepção de quando em quando. O cavalheiro não deixava de ir ver frequentemente os parentes de sua esposa, de forma que a ella parecia não ter deixado a casa pater-

porque são muitas; mas ella puzha-se a rir e respondia-lhe que queria tratar por ta as suas amigas. Assim pois, não ha meios de cultivar-a; e eu não quero casar-me com uma burra, porque haveria então grande incompatibilidade de espirito entre nós.

João Gordo fez-se mais veratelho que uma lagosta; e, apezar de sua estima pelo Sr. Mathias, esteve a ponto de zangar-se; mas contevo-se e disse-lhe:

—«Não sei si minha filha é uma burra, ou o que é, só sei que pensa bem no seu futuro, tem juizo, sabe mungir as vacas, fazer queijos, regar o jardim e tratar do pateo. Parece-me que uma mulher, que sabe tudo isto, não pôde fazer máo casamento. Adeus, Sr. Mathias, muito estimado que encontre um diabo que a valha. Uma burra! minha filha! é duro!

E João Gordo afastou-se, mesmo sem tirar o chapéu. O Sr. Mathias deixou-o ir, dizendo:—Zangue-se, si quizer! Com certeza com ella não me hei de casar! Sabe fazer queijos... é bóa! Poderia eu viver com uma mulher que diz:—*Vem cá, minhas amigas*?...

(Continúa)

na; sahia dos braços do esposo para os de sua mãe, gozando assim de um favor que a Providência concede a bem poucos, porque é raro que as novas venturas não destruam as velhas.

M. d'Arcis não era menos bondoso que sua mulher; porém, as paixões da mocidade, a experiência que parecia ter das cousas do mundo, faziam-n'o algumas vezes melancólico. Cecilia (chamava-se assim M<sup>me</sup> d'Arcis), respeitava religiosamente estas horas de tristeza. Posto que a este respeito ella se não deixava guiar por calculo ou reflexão, seu coração a advertia de que não devia lastimar-se d'estas ligeiras nuvens que tudo destroem quando lhes dão importância, e que nada valem quando se as deixa passar.

A familia de Cecilia compunha-se de gente honrada, — mercadores enriquecidos pelo suor de seu rosto, cuja velhice era, por assim dizer, um perpetuo domingo. O cavalheiro amava esta alegria do descanso adquirida pelo trabalho, e de boa vontade a partilhava. Cansado dos costumes de Versailles, e até mesmo das coizas de Mademoiselle Quinault, elle admirava certas maneiras um pouco rudes, porém francas e novas para elle. Cecilia tinha um tio, excellente homem e melhor conviva, que se chamava Giraud. Fora mestre pedreiro e pouco a pouco tornou-se architecto; n'esta vida ganhára umas vinte mil libras de renda. A casa do cavalheiro era muito de seu gosto e elle era sempre bem recebido quando lá apparecia, algumas vezes coberto de pó e calça, por que, a despeito da idade e das suas vinte mil libras, elle não se podia ter sem trepar aos telhados e manejar a colher. Si a sobremesa elle multiplicava os copos de champãgne, era infallivel o discurso: — Sois feliz, meu sobrinho, dizia elle sempre ao cavalheiro: rico, joven, com uma bonita mulhersinha e uma casa menos má; nada vos falta e, portanto, nada se pôde dizer a vosso respeito, o que é máo para os visinhos invejosos. Digo-vos e repito que sois feliz.

Um dia, Cecilia, ao ouvir estas palavras, disse ao ouvido do esposo: — Não será isto uma verdade, visto que tu o deixas fallar sem contestal-o?

Tempos depois M<sup>me</sup> d'Arcis sentio-se grávida. Havia por detrás da casa uma pequena collina d'onde se descortinava o campo. Os dois esposos não sempre passavam ali. Uma tarde que elles estavam sentados na herva:

— Outro dia tu não contradisseste meu tió, disse Cecilia. Pensas entretanto que

elle tinha completamente razão? E's perfeitamente feliz?

— Tanto quanto um homem pôde ser-o, respondeu o cavalheiro, e nada vejo que possa augmentar minha ventura.

— Eu então sou mais ambiciosa, replicou Cecilia, porque ser-me-ha facil citar-te alguma causa que nos falta aqui e que nos é absolutamente necessaria.

O cavalheiro julgou que se tratava de qualquer bagatella e que ella fazia rodeios para confinar-lho em capricho de mulher. E elle fez, gracejando, mil conjecturas, e a cada pergunta redobrava o riso de Cecilia. Assim brincando, elles se haviam levantado e descido a collina. Mr. d'Arcis dobrou o passo, o provocado pela descida rapida, quiz arrastar sua mulher, quando ella parou e apalando-se no hombro do cavalheiro:

— Devagar, meu amigo, lhe disse ella, não me faças andar tão depressa. Tu buscas bem longe o que nos faltava; eu trago-o no ventre.

A partir d'este dia, sua conversação não teve outro assumpto; só fallavam do seu filho, das cuidados que lhe darião, da maneira porque haviam-no de educar, e dos projectos a fazer para lhe garantir um futuro. O cavalheiro quiz que sua esposa tomasse todas as precauções possives para conservar o thesouro que trazia. Elle redobrou para com ellas de attenção e de amor, e todo tempo que durou a gravidez de Cecilia foi uma longa e ambiciosa embriaguez, cheia das mais doces esperanças.

(Continua.)

A. Gabriel.

#### FIGURAS DE CÉRA.

Deu finalmente nos vinte o Sr. Izidoro Rossini. E' verdade que acordou tarde e a más horas; mas como lá diz o adagio — *antes tarde do que nunca*, pode muito bem arcontar que não se saia de todo mal do ultimo recurso de que lançou mão, que, si tivesse sido o primeiro — *outra gallo lhe cantára*.

A entrada para a sua exposição de figuras de cera, que appellidarei de presepe de monos, a bilhete de bond, foi um optimo e feliz acerto. Só assim en lá iria, e fiquo certo o Sr. Izidoro que não me restam saudades e nem me ficou vontade de lá voltar.

O publico, que ainda não viu os bonecos do Sr. Rossini, ignóra o que querem dizer aquellas luminarias furta cöres que o Sr. Izidoro colloca todas as noites na última sacada do theatro S. Luiz; en, porem, que não gosto do enganar ninguém, e muito menos essa respeitavel entidade, chamada publico, do alto desta tribuna declaro que — aquellas luminarias são uma verdadeira negaça com a qual se pretende pregar um lo-

gro ao primeiro tranzeunte que tiver a infelicidade de ser, como eu, cretulo de mais.

Decididamente si en fosse dos incantos de mil reis, com certeza a couza não ficava assim; e não sei como conhecer victimas taes, sem um protesto solemn e onde se patenteiem as suas justas e reaes reclamações.

Isto posto, passarei ao assumpto que, por ser um tanto ceroso, nem por isso é menos digno de uma inflexivel e rigorosa analyse. São seis os quadros representados neste grande presepe, e, si bem que todos primem pela deformidade dos personagens e mal acabado dos typos, logo a entrada se nos depára um que, nesse ponto, excede *tudo o que a waza antiga canta*.

A capitulação de Sedau que, pela sua importancia no mundo politico, daveria merecer algum cuidado do exposer, valle quanto pesa. No seu genero ainda não vi couza melhor, e quanto á originalidade, creio o Sr. Izidoro que se'ei francez.

Aquello Bismark magro como um canço, aquelle Motz ruelitico como um fizico, aquelle Guiliherme soez como o Lopes Pinto, aquelle Napoleão abeso como um poltrão e aquelle príncipe real com cara de choro, farda de baculha e barbas de estopa, são de uma originalidade... originalissima.

Anda quem muito acertadamente o Sr. Rossini, dando-lhes o nome nas plantas, porque em tin humanos são humanos e não conta que as devidas segun peculiaros a outra casta de viventes.

Estas personagens, por serem os mais conhecidos, servem-me de modelo e são, por assim dizer, a minha pedra de toque para a apreciação das restantes, pois por elles já en posso calcular a perfeição e naturalidade de todos os outros.

Ao lado deste quadro vi um mono de grandes bigodes, christadado com o nome de Eudico Castellar. A principio quiz me revoltar contra essa profanação, feita á um dos primeiros tribunos europeos, mas, por fim conciliei-me comigo mesmo porque a caricatura é hoje peculiar dos grandes vultos.

Hambolt, Agassiz, Viet e Hugo, &, têm sido caricaturados, e raras são as celebridades que não tenham sido victimas dos pincaes dos Bomboches.

Victor Etamama, que lhe fica vis-a-vis, com a sua farda de soldado de cavallaria, e com o desarranjo de suas barbas, parece ter vindo de um e inflieto apertado. A sua apparencia contusa está a revoltal-o; e o desgrenhado dos bigodes e suissas indica que foi por onde o seguraram melhor.

Nas feições e mesmo no feitio, parece-se muito com Pio IX.

Segue-se um grupo de tres personagens qual delles o melhor: — Rochefort, Trocha e Julio Favre — ou por outra: o serralleiro italiano da rua Grande, o santeiro João Baptista Pisane e um alemão da casa do Krause.

A posição destes tres vultos é naturalissima, e só lhes falta fallar para exprimirem bem o que nunca foram.

Passarei a novo quadro: Prim, o celebre general hespanhol é morto; parecido ou não, o rosto do cadaver é d'uma bella illusão; e si as demais perdem por desnaturaes e disformes, ganha aquella só no que diz respeito ao rosto porque quanto ao mais, *de março a abril não ha que vir*. Aquelle caixão não está na altura do personagem, e o fardamento, do safado e russo, torna-se indecente.

Amadeu, Topete e Sorrano, que o coream, são uns verdadeiros bonecos, porque no feição do corpo não têm semilhança com homem algum.

Izabel de Hespanha, com seus ares de *grisete*, é uma figura interessante e mesmo bonita. A decalhada rainha deve juntar-se á boneca do João Tavares, e para evitar confusões haja entre ambas uma pertença nos *toilettes*: os da modista para a rainha e os da rainha para a modista. É pena que n'o esteja fazendo meia para mais realce e mesmo naturalidade.

Seguem-se dois vultos representando typos portuguezes. São d'uma forma extraordinaria; e só falta o Sr. Izidoro no meio para formarem uma trindade digna de respeito. Aquelle pescador está mesmo a vender peixe, e a pescadora indica pelos gestos que o está apregoando. Na verdade estes tres typos não deixam nada a desejar.

Acho-me na frente do hospital de sangue; nada direi quanto aos personagens, que, por serem obra de phantasia—vão passando sem maior reparo.

Os doentes, afô a um que tem um movimento impossível, estão todos bons. É muito natural e tocante o grupo do padre e do moribundo, e o padre sobre tudo é a melhor figura do presépe. A posição e brandura que salta-lhe a phisionomia, no exercicio de sua missão sublime, tornam-lhe o caracter imponentemente respeitavel, e quasi commove a quem o observa.

É ridiculo o quadro subseqente:

Um soldado prussiano compranda vinho a uma taverneira franceza que se apresenta em trages de irmã da caridade; e que, a respeito da figura, é uma segunda Izabel de Hespanha.

O soldado está vestido de zuavo francez, e o vinho que compra é-lhe ministrado por uma garrafa de cervoja Bass, que penso já ter tido outra serventia, attenta a sua pouca limpeza.

O quadro de que me occupo agora é mais commovente ainda que o do hospital do sangue, e é pena que esteja tresloucado no que diz respeito a naturalidade. Representa a fome em Madrid; os typos estão perfeitos e revellam com muita expressão essa agonia do corpo e da alma; e os andrajos de que se acham revestidos attestam-no tambem. O que porem desloca completamente a scena, que em tudo seria significativa e perfeita, são aquelles dois judas feitos soldados. Aquelles monos são ali uma irrizão; e o quanto têm de naturaes os demais personagens, têm aquelles de disformes e de ridiculos.

A mãe com os dois filhos, o moribundo e o grupo do fardo devem ser apreciados. A miseria e a desesperação transparecem-lhes nas phisionomias com todos os seus horrores.

Acredito tambem que a originalidade destes personagens é, em grande parte, devida á poltrua dos vestuarios, que, com effeito, não podem ser mais miseraveis. Pondo de parte os taes soldados, é este sem duvida o melhor quadro.

Eis-me analyzing Vênus! Não se admirem os leitores de me ser concedida tal regalia. Eu seriamente que a dispensava, e se insisto nella, creiam que não é por curiosidade.

Venus! ó seductora imagem! como te deixaste prostituir assim?...

Que faz Vulcano que não desaba meia duzia de raios fulminantes sobre a cabeça do sacrilego amulaz que assim te sacrificou? Por ventura és tu aquillo que ali se vê por um oculo?

Por Jupiter! castiga os que erram; não consente que te insultem assim; a tua belleza merece que se te respeite mais, e, si Vulcano, com ser feio, não se importa com isso, chama em teu auxilio o desvelado Marte, por que esse sem duvida tomará as dores por ti.

Esse virá desafrontar-te, e ai d'aquelles que estiverem incursoes no nefando crime.

O Sr. Izidoro que se acantelle, por que é de certo quem está mais arriscao. Elle dirá que não, mas eu digo-lhe que sim, porque o expositor não é menos culpado que o fabricante.

Francisco Solano Lopes, o ex-ditador do Paraguay, enche-nos agora o olho; está nédio e rochuchado como um repolho; mas nem por isso captiva a nessa attenção pelo lado de originalidade. É, como os outros typos conhecidos, um mono de maior tamanho, porque, em verdade, o homem era uma girafa si tinha o tamanho que ali representa.

Está a palpar de interesse o quadro que tenho a vista: a communa de Paris, no auge do seu delirio, commette as maiores atrocidades, e das victimas são ali sacrificadas e representadas muito lurlescamente.

Lacote e Clement Thomas, dois personagens mais ou menos tradicionalmente conhecidos, é impossível que sejam o que ali vi, porque, alem da desnaturalidade dos corpos, têm umas phisionomias mais de cabos de esquadra que de geraes. Lacote fazillado é exactamente um musico do 5.º estandido no chão; e Clement Thomas disfarçado em operario é uma caricatura digna de se lhe tirar o chapéo.

Falta-me somente fallar de um personagem, o esse personagem é o muito alto e poderoso Sr. D. Pedro II, obra d'um curioso que não conhecemos. Pelo lado artistico nada direi por ignorar si o seu autor estará no caso de ser chamado á barra desse tribunal; quanto á semelhança, dir-lhe-hei que não foi muito feliz na sua tentativa.

D. Pedro II é mais alto e menos cheio de corpo, e as suas feições nunca foram as que desenhou na cêra.

Como obra, porem, do curioso, attendendo a falta de aparelhos necessarios para realizal-a; entendo que se deve conferir ao seu autor o titulo de habilidoso.

Terminando esta analyse, peço permissão aos

leitores para justifical-a, contando-lhes os motivos que me induziram a escrevel-a.

Por mais d'uma vez temos sido ligodiados por farcistas e pelotiqueiros; o Sr. Rossini com este é o segundo logro que nos prega, e para que o Sr. Izidoro não venha pregar um terceiro, suppondo que nos illude, cumpre declarar-lhe que nós não somos do *manque* e que, si temos tido a condescendencia de aturar-lhe as pantominas, não é para que continue a *tomar gosto* connosco, impingindo-nos, como de costume, —*gato por lebre*.

Paulo da Cunha.

### Perdôa.

En crestei de meu peito as lindas flores,  
Ao contacto dos beijos pestifentos  
Da mulher prostituida.  
Minha lyra pallio-se nas orgias  
Que delinhão a existencia, descorando  
As esperanças da vida.

Muito cedo perdi-me. Ebrio, sedento  
Quiz saciar o meu desejo infrene  
No fogo das paixões;  
O cerebro me ardia, e quantas vezes  
Nos braços carreguei a Messinhua  
Ao leito de illusões!...

Meus cantos—suspirei-os ao luar,  
A' brisa que tão doce susurrava  
Por entre os laranjães;  
Quando a fonte gemia em dedilhava  
Nas debéis cordas da sentida lyra,  
Meus hymnos festivaes.

Um peito de mulher roubou-me a vida.  
Minh'alma, meu pervir, essa esperança,  
Já todo consumi:  
Trovador adormido na descreuça,  
En pergunto aos qua vivem s'inda existe,  
O mundo em que vivi...

Mas perdôa, meu anjo, eu dispo as vestes  
Manchadas no lodo dos alcaoces  
E volto ao patrio ninho.  
Acolhe o viajor que transviou-se,  
E, buscando o seu lar, cahé fatigado  
A' beira do caminho.

Elmário Ricarda.